

LABORATÓRIO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM GERÊNCIA EM SAÚDE

ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

ABORDAGEM DO TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISOCIAL NA  
MÍDIA:

O caso da revista “Superinteressante”

Rebecca Leão de Paula Böse Madureira

Rio de Janeiro

2012

LABORATÓRIO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM GERÊNCIA EM SAÚDE

ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

A ABORDAGEM DO TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISOCIAL NA  
MÍDIA:

O caso da revista “Superinteressante”

Rebecca Leão de Paula Böse Madureira

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado à Escola Politécnica de  
Saúde Joaquim Venâncio como requisito  
parcial para a aprovação no curso  
técnico de nível médio em saúde com  
habilitação em Gerência em Saúde.

Orientadora: Maria Cecília Carvalho

Rio de Janeiro

2012

## AGRADECIMENTOS

Estes três anos que passei aqui foram extremamente importantes para meu crescimento e amadurecimento como pessoa. Neste momento de encerramento do ensino médio não poderia deixar de agradecer à todos que fizeram parte deste momento me ajudaram a passar por essa fase.

Aos meus pais, meus irmãos, e toda minha família por sempre me apoiarem, e apesar de qualquer coisa ser sempre a base de qualquer projeto que eu possa ter para mim.

Meus professores, que me passaram muito mais que conhecimentos didáticos mas se mostraram muitas vezes amigos ensinando principalmente coisas da vida que vou levar para sempre comigo. Grasi, muito obrigada por todo apoio que você me deu na elaboração desta monografia, de verdade!

Aos meus amigos da politécnica, que realizaram com grande êxito a difícil tarefa de tornar as nove horas diárias na escola algo muito mais fácil e prazeroso do que seria sem essas pessoas tão importantes responsáveis por me divertir, me estressar (muitas vezes), conversar, consolar e todas as outras coisas que os amigos fazem. Muito obrigada por tudo!

Meus amigos Isadora, obrigada por estar sempre comigo e por ter sido uma ótima amiga, vou levar você pra sempre comigo; Bruno por todos os momentos de risada que me proporcionou com suas maluquices, sei que brigamos muito, mas sempre conseguimos nos acertar, mostrando a grande força que nossa amizade tem; à Ana Sávía por todos os dramas e reclamações, mas que sempre se mostrou uma grande amiga. Em geral, à toda minha turma e todos que participaram da minha trajetória aqui, obrigada Mayara, Duda, Coelho, Nathália, Gomes e Gabi por fazerem estas nove horas diárias durante esses três anos valerem a pena e parecerem menos pesados por ter sempre vocês por perto para me divertir. Valeu galera da janela! Paulo, Renan, Flávio, Babi, Isabela e Luana obrigada por tudo também.

Em especial gostaria de agradecer ao Herbert, em primeiro por ser meu melhor amigo e me conhecer mais que qualquer um, sabendo exatamente o que dizer nas horas

de desespero em que achava que não iria conseguir fazer nada da monografia. Em segundo, mas com toda certeza não menos importante, à sua HAEC, que me ajudou mais que qualquer coisa. Amo você, e obrigada por estar sempre comigo.

À minha orientadora, por ter me ajudado no processo de elaboração desta monografia.

## RESUMO

Aborda principalmente análises realizadas das matérias publicadas na revista “Superinteressante” acerca do transtorno de personalidade antissocial, discutindo a divulgação de conhecimento científico por parte desta. É realizada uma breve apresentação sobre os demais tipos de jornalismo científico. Expõe a maneira como a mídia de uma forma geral aborda tal transtorno, além da exibição e estudo dos conceitos diagnósticos do transtorno de personalidade antissocial o qual remete a uma evolução do termo ‘psicopatia’ que foi usado por muito tempo. O atual momento da psiquiatria se divide em dois campos com ideias diferentes, os quais são também apresentados e discutidos. A partir das análises feitas sobre as matérias da “Superinteressante” poderá ser avaliado o sensacionalismo desta, a ética profissional dos jornalistas responsáveis pelas matérias. Será avaliado, portanto, a postura da revista sobre o tema e como a população responde a isso, influenciada ou não pelo publicado. O objetivo geral deste trabalho consiste em discutir o posicionamento da mídia em relação ao transtorno de personalidade em questão. Especificamente será apresentada a evolução do conceito de ‘psicopatia’ e o transtorno de personalidade antissocial; apresentar-se-á as diferentes posições no campo psiquiátrico acerca do transtorno, discutir a apropriação de conhecimento científico pela mídia, e por fim, apresentar em especial o caso da revista “Superinteressante” e as abordagens feitas por esta a respeito da psicopatia. A partir da análise das matérias “Todos nós somos um pouco psicopatas” (2009), “O parasita mora ao lado” (2009) e “Meu filho é um psicopata” (2012), publicadas em edições da revista “Superinteressante” concluiu-se que esta admite caráter sensacionalista, não mostrando uma imagem fidedigna do transtorno de personalidade para a medicina moderna, deixando de apresentar algumas vezes a existência de diferentes visões sobre o assunto no campo psiquiátrico;

Palavras-chave: transtorno de personalidade antissocial; psicopatia; mídia; superinteressante

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>2 O TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISSOCIAL</b> .....	10
<b>3 O TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISSOCIAL NA MÍDIA</b> .....	22
<b>4 ANÁLISE MATÉRIAS “SUPERINTERESSANTE”</b> .....	30
4.1. “Todos nós somos um pouco psicopatas” .....	30
4.2. “O parasita mora ao lado” .....	33
4.3. “Meu filho é um psicopata” .....	36
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	39
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	41

## 1. INTRODUÇÃO

O presente estudo visa apresentar e discutir o posicionamento da mídia em relação ao transtorno de personalidade antissocial e a forma pela qual ele é apresentado para a sociedade, que, influenciada pelos meios de comunicação, cria um estereótipo para os portadores de tal transtorno.

Para isso serão apresentados os conceitos adotados para o transtorno de personalidade antissocial segundo a medicina, o qual remete a evolução do conceito de psicopatia, nomenclatura utilizada anteriormente para caracterizar diversos distúrbios mentais, e que ainda está presente no meio leigo. Será ainda apresentada a discussão presente hoje no campo psiquiátrico, em que em um lado encontram-se os que defendem o ser humano como apenas um ser biológico, em que acreditam que tudo que ocorra com este possa ser explicado baseando-se apenas nos aspectos biológicos do homem. Já no outro lado encontram-se os que defendem que o homem é não somente um ser biológico, mas também um ser social, e que sua cultura e vivência influenciam na formação do sujeito em questão.

A conduta social dos portadores deste transtorno encontra-se alteradas, já que este não se adapta às regras sociais. Além de afetar o comportamento e relacionamentos as características destas personalidades podem influenciar também no seu modo de vida. São caracterizadas basicamente pelo “egocentrismo, ausência tanto de empatia como de remorso, individualismo, impulsividade, irresponsabilidade, manipulação, e tendência a violar normas sociais, morais ou ainda, leis criminais”. (Cavalheiro apud Hare, 1991)

Por conta da sua falta de empatia e do sentimento de culpa há uma tendência à associação destes portadores com crimes frios e cruéis, o que faz com que este transtorno seja estigmatizado no meio leigo, sendo feita a constante associação errônea deste com a violência.

Assim sendo é crescente a quantidade de abordagens da mídia em relação a este transtorno, porque a população busca uma explicação para o porquê destas ações e a diferença comportamental entre uma pessoa ‘normal’ e um portador do transtorno de personalidade antissocial.

Os meios de comunicação tem grande poder de propagação de ideias, entretanto, usam esse poder para disseminar uma ideia pouco fidedigna do transtorno. Deste modo,

estes veículos costumam colaborar para a formação de um estereótipo, uma vez que sempre mostram os psicopatas como grandes vilões capazes de cometer crimes brutais que fogem de nossa compreensão. Passam a ideia de que os psicopatas são pessoas cruéis, violentas e de má índole, e segundo o exposto na maioria dos meios de comunicação a única explicação dada pela causa do transtorno é o aspecto biológico.

São diversos os meios que objetivam explicar o transtorno de personalidade para a população leiga, como, por exemplo, a revista “Superinteressante”, objeto de pesquisa deste trabalho.

A “Superinteressante” é uma revista que pretendia ser inserida no jornalismo científico, e que por isso veiculava informações sob a visão da ciência. Por ter conquistado o público com esse aspecto, o mesmo foi mantido. E atualmente a revista vem discutindo o transtorno de personalidade antissocial de forma constante em suas matérias, isso porque o assunto se enquadra no propósito da revista, o qual é a abordagem de assuntos diversificados, trazendo explicações científicas sobre assuntos peculiares.

Este estudo é baseado no estudo do diagnóstico do transtorno de personalidade antissocial e a evolução do termo desde quando era psicopatia. Será realizada uma análise de três matérias publicadas na revista, com o intuito de apresentar como este transtorno é exposto. As matérias analisadas serão: “Todos nós somos um pouco psicopatas” publicada na edição especial sobre as “Mentes Psicopatas” (2009), “O parasita mora ao lado” publicada na mesma edição que a citada anteriormente, e “Meu filho é um psicopata” publicada na edição de maio de 2012.

Todas as matérias publicadas sobre o assunto no período de 2006-2012 foram lidas e selecionei as que continham, em minha opinião, caráter mais sensacionalista as quais mais chamavam a atenção do público.

Escolhi esse tema porque considero a “Superinteressante” uma revista de confiança acerca de conhecimentos técnicos por uma grande parte dos brasileiros, mas esta não mostra a ciência como realmente é em diversas matérias.

No primeiro capítulo apresentarei a evolução do conceito de psicopatia até transtorno de personalidade, caracterizando ambos. No segundo capítulo será abordada uma ideia geral do transtorno de personalidade na mídia, tanto escrita quanto audiovisual. O terceiro capítulo é dedicado para as análises das matérias da revista

“Superinteressante”, escolhidas e estudadas de acordo com a revisão de literatura sobre o conceito de transtorno de personalidade antissocial.

## 2. O TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISSOCIAL

Até 1887 o conceito de psicopatia (do grego *psykhé* = alma e *pathos* = doença), era utilizado para determinar qualquer doença mental sem associação alguma com o transtorno de personalidade antissocial.

Foi Kurt Scheneider, a partir da publicação de seu livro “Psicopatologia Clínica” (1887) que classificou as personalidades psicopáticas como um grupo entre as personalidades anormais que “sofrem em razão de sua anormalidade e/ou fazem sofrer a sociedade”. Schneider pensa estas personalidades como uma exacerbação das qualidades normais, podendo ter um aspecto negativo (antissocial) ou positivo (inteligência elevada).

Ainda para o autor, a personalidade compreende os sentimentos e as tendências não corpóreas, além da vontade. O grupo das personalidades anormais apresentaria apenas variações desta, não sendo consideradas mórbidas, uma vez que não há fundamento em relacioná-las com enfermidades ou malformações.

Por isso era extremamente importante distinguir, rigorosamente, as personalidades anormais das psicoses, que são hipoteticamente mórbidas. Caracterizada como uma alteração psíquica provocada por um traumatismo craniano e a mais leve depressão ciclotímica.

A partir de um sistema caracterológico, Schneider (1887) descreve ainda tipos diferentes de personalidades psicopáticas, que não podem ser comparados uns com os outros. Entre eles estão os psicopatas insensíveis, os quais eram destituídos de compaixão, vergonha, sentimento de honra, arrependimento e consciência. A priori, são incorrigíveis e não podem ser educados. Não é certo associá-los a uma debilidade mental, pois nesses episódios não há necessariamente deficiência intelectual, até porque em alguns casos, como o dos insensíveis criminosos, a inteligência destes é excepcional.

Contudo, as divisões tipológicas psicopáticas propostas por Schneider não são válidas. Kretschmer (1887) opôs-se às posições por estas serem puramente psicológicas ou sociais. O modo proposto a considerar as psicopatias não está isento de perigos, dando assim razão para as críticas feitas. A tipologia dos psicopatas assemelha-se a diagnósticos, porém, é de certa forma equivocada, pois as características (pessoa e

personalidade) não podem simplesmente ser descritas e catalogadas com um diagnóstico, apresentando-se as consequências psíquicas da enfermidade.

De fato, não se pode trabalhar satisfatoriamente com esses tipos em razão das múltiplas configurações e combinações individuais, o que torna raro que apenas uma qualidade predomine tanto e caracterize uma pessoa a ponto de se poder designá-la corretamente por ela. Surge o perigo “de se considerar a pessoa por meio de fórmulas: deixa-se de ver o conteúdo, as circunstâncias e os motivos psíquicos das oscilações e fracassos, o biográfico e, com isso, as possibilidades da ação psicoterapêutica”. (SCHNEIDER, 1887, p. 70)

No desenvolvimento anormal de uma personalidade, a predisposição das reações vivenciais é um fator essencial que não pode ser deixado de lado; predisposição e mundo vivido são duas forças complementares. A predisposição de uma personalidade é desenvolvida em suas experiências, as quais são escolhidas e assimiladas de acordo com seu valor e sentido para a personalidade.

A ligação entre psicopatia e o transtorno de personalidade antissocial foi estabelecido por Hervey Cleckley, em sua obra “The Mask of Sanity” (1941). Segundo ele, a psicopatia é uma forma própria de doença mental em que os doentes não são psicóticos como a maioria acredita. Diferentemente dos psicóticos, os psicopatas não são loucos. Estes se encontram plenamente conscientes do que estão fazendo e das possíveis consequências dos seus atos, além de tomarem suas decisões racionalmente e exercerem o livre arbítrio. Foi também o primeiro teorizar uma ligação da psicopatia com um déficit biológico. (Gao et al, 2009).

Para Cleckley, a racionalidade do indivíduo permaneceria intacta. O que ocorre, na verdade, é uma falha na compreensão de certas emoções do homem. Como pode ser visto no livro ‘No Ventre da Besta – Cartas da Prisão’, escrito por Jack Abbott, um criminoso diagnosticado com o transtorno, ele escreveu: “Existem emoções que eu só conheço de nome. Posso imaginar que as tenho, mas na verdade nunca as senti”. (Jack Abbott *apud* Narloch, 1982).

Cleckley definiu os critérios necessários para diagnosticar alguém com psicopatia eram:

- Encanto superficial e boa “inteligência”;

- Ausência de delírios e outros sinais de pensamento ilógico;
- Ausência de “nervosismo” ou manifestações psiconeuróticas;
- Falta de confiabilidade;
- Negligência no tocante à verdade e sinceridade;
- Falta de remorso ou vergonha;
- Comportamento antissocial não motivado pelas contingências;
- Mau julgamento e falha ao compreender através da experiência;
- Egocentrismo patológico e incapacidade de amor;
- Pobreza geral na maioria das reações afetivas;
- Perda específica de esclarecimento interior;
- Não reatividade afetiva nas relações interpessoais em geral;
- Comportamento extravagante e inconveniente, sob a ação de bebidas ou não;
- Suicídio raramente praticado;
- Vida sexual impessoal, trivial e mal integrada;
- Falha em seguir qualquer plano de vida;

(Cleckley, 1988)

Vem dele o conceito atual adotado para o transtorno de personalidade antissocial, e, além disso, os estudos atuais sobre o assunto baseiam-se nas observações feitas por Cleckley em sua obra. Todavia, há controvérsias sobre a etiologia adotada por ele para diagnosticar um indivíduo, visto que não é dito quantas dessas características são necessárias apresentar para se ter um diagnóstico preciso.

Kant *apud* Chaui (2006) afirmava que o homem é um ser por sua natureza egocêntrico e ambicioso, e a moral se resumiria em um conjunto de deveres, determinados pelo próprio homem, com o objetivo de assegurar que não agiria seguindo seus instintos, usando as outras pessoas como instrumentos para alcançar seus objetivos. E que estas regras somente poderiam ser consideradas caso pudessem ser aplicadas universalmente, sendo esta a certeza de que é uma regra que visa o bem geral.

Essa concepção de moralidade sugere que o indivíduo portador do transtorno de personalidade tem uma falha nesta consciência, a qual se define como conhecer, ter e

respeitar a conduta moral do meio em que se vive; o que implica dizer que ele não abre mão de seus desejos pessoais por conta das regras. O indivíduo tem plena consciência de seus atos, estando ciente do que é certo ou errado, mas age de forma arbitrária, ignorando as consequências de suas ações para que possa alcançar seus objetivos.

Sendo assim as pessoas ‘normais’ também apresentam impulsos egocêntricos, ambiciosos e ‘cruéis’, mas ao contrário dos psicopatas elas conseguem controlá-los e dominá-los, não agindo sempre regidos por este instinto, que como Kant afirmava faz parte da essência do ser humano.

A racionalidade deles encontra-se intacta, já que, segundo Zimmer (2004), quando um indivíduo decide o que é certo e errado para ele o papel racional é, nas escolhas morais e pessoais, irrelevante, pois o juízo moral é dado no universo das intuições emocionais e inconsciente, de acordo com a concepção dos defensores da nova teoria do juízo moral, que se denominam como institucionalistas sociais.

O transtorno de personalidade é caracterizado por modificações na dita personalidade “normal”, as quais se manifestam nas relações interpessoais do indivíduo. Mas para compreender qualquer transtorno de personalidade é necessário, em primeiro lugar, entender o que é a personalidade. Por mais que as pessoas façam associação de personalidade com gostos, constituição moral etc., a personalidade representa a identidade do ser.

De acordo com o conceito de psicopatia adotado por Schneider, e após algumas modificações, constituiu-se o conceito de transtorno de personalidade usado no DSM-IV-TR<sup>1</sup>. A diferença fundamental é a de que Schneider descreveu dez perfis das personalidades anormais, enquadrando cada indivíduo no perfil que ele mais se aproximasse de acordo com as características do modo da pessoa agir.

Já na DSM-IV-TR, os critérios adotados são operacionais, essencialmente descritivos, os quais não representam relação hierárquica entre si. O diagnóstico é estabelecido pela constatação de um número mínimo de critérios positivos estabelecidos consensualmente por um painel de especialistas. Além disso, o DSM-IV-TR estabelece

---

<sup>1</sup> Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais de acordo com a Associação Americana de Psiquiatria

que os transtornos de personalidade se manifestem precocemente, comprometam os elementos estruturais da personalidade e acompanhem o indivíduo ao longo da vida.

De forma geral, para o DSM-IV-TR todo transtorno de personalidade “é um padrão persistente de vivência íntima ou comportamento que se desvia acentuadamente das expectativas da cultura do indivíduo, é invasivo e inflexível, tem seu início na adolescência ou começo da idade adulta, é estável ao longo do tempo e provoca sofrimento ou prejuízo”.

O CID-10<sup>2</sup>, assim como o DSM-IV-TR, é um modelo categorial, apesar de definir os transtornos de personalidades como distúrbios graves da constituição do caráter e das tendências comportamentais do indivíduo, não diretamente atribuíveis a uma doença, lesão, afecção cerebral ou a um transtorno psiquiátrico. Estes distúrbios compreendem habitualmente vários elementos da personalidade, acompanham-se em geral de angústia pessoal e desorganização social.

Estes transtornos representam desvios extremos ou significativos das percepções, dos pensamentos, das sensações e, particularmente, das relações com os outros em relação àquelas de um indivíduo médio de uma dada cultura. São a expressão característica da maneira de viver do indivíduo e de seu modo de estabelecer relações consigo próprio e com os outros.

Foram estabelecidos pelo CID-10 seis diretrizes para a caracterização dos TP, são elas:

1. Atitudes e condutas marcadamente desarmônicas, envolvendo várias áreas de funcionamento cognitivo, por exemplo, afetividade, excitabilidade, controle dos impulsos, modos de percepção e de pensamento e estilo de relacionamento com os outros.
2. O padrão anormal de comportamento é permanente, de longa duração e não limitado a um episódio de doença mental.
3. O padrão anormal de comportamento é invasivo e claramente mal-adaptativo para uma ampla série de situações pessoais e sociais.
4. As manifestações previamente listadas sempre aparecem durante a infância ou adolescência e continuam pela idade adulta.

---

<sup>2</sup> Classificação Internacional de Doenças adotada pelo Organização Mundial de Saúde

5. O transtorno leva a angústia pessoal considerável, mas isso pode se tornar aparente apenas tardiamente em seu curso.
6. O transtorno é usual, mas não invariavelmente associado a problemas significativos no desempenho ocupacional e social.

Mesmo que as definições dadas para o transtorno de personalidade antissocial sejam baseadas na descrição feita por Cleckley, é possível notar diferenças quando comparadas umas com as outras.

A CID-10 o classifica como um transtorno usualmente vindo de atenção por dispauidade flagrante entre o comportamento e as normas sociais predominantes, caracterizado por:

1. Indiferença insensível pelos sentimentos alheios;
2. Atitude flagrante e persistente de irresponsabilidade e desrespeito por normas, regras e obrigações sociais;
3. Incapacidade de manter relacionamentos, embora não haja dificuldade em estabelecê-los;
4. Muito baixa tolerância à frustração e um baixo limiar para descarga de agressão, incluindo violência;
5. Incapacidade de experimentar culpa ou de aprender com a experiência, particularmente punição;
6. Propensão marcante para culpar os outros ou para oferecer racionalizações plausíveis para o comportamento que levou o paciente a conflito com a sociedade

(OMS, 1993)

Já o DSM-IV-TR caracteriza este transtorno, principalmente, pelas violações recorrentes das normas sociais, incluindo mentiras, furtos, vadiagem, inconsistência no trabalho e condutas irresponsáveis que expõem terceiros ou a si mesmos a riscos desnecessários.

Os critérios adotados pela DSM-IV-TR para o transtorno de personalidade antissocial são:

A. Um padrão global de desrespeito e violação dos direitos alheios, que ocorre desde os 15 anos, indicado por, no mínimo, três dos seguintes critérios:

1. Incapacidade de adaptar-se às normas sociais com relação a comportamentos lícitos, indicada pela execução repetida de atos que constituem motivo de detenção;
2. Propensão para enganar, indicada por mentir repetidamente, usar nomes falsos ou ludibriar os outros para obter vantagens pessoais ou prazer;
3. Impulsividade ou fracasso em fazer planos para o futuro
4. Irritabilidade e agressividade, indicadas por repetidas lutas corporais ou agressões físicas;
5. Desrespeito irresponsável pela segurança própria ou alheia;
6. Irresponsabilidade consistente, indicada por um repetido fracasso em manter um comportamento laboral consistente ou de honrar obrigações financeiras;
7. Ausência de remorso, indicada por indiferença ou racionalização por ter ferido, maltratado ou roubado alguém.

B. O indivíduo tem, no mínimo, 18 anos de idade.

C. Evidências de Transtorno de Conduta (caracterizado por “agressão a pessoas e animais”, “destruição de patrimônio”, “defraudação ou furto” e “sérias violações de regras”) antes do 15 anos de idade.

D. Ocorrência do comportamento antissocial não se dá exclusivamente durante o curso da esquizofrenia ou episódio maníaco

(APA, 1994)

O DSM teve seus critérios para o diagnóstico da psicopatia baseados apenas em características comportamentais facilmente observáveis. Robert Hare, um dos principais autores sobre o assunto, diz que a ênfase deliberada em sinais concretos exclui a

possibilidade da compreensão de sintomas mais sutis. Sintomas que ele denominou como “insensibilidade” e “frieza da alma”. A CID, por sua vez, incluiu características psicológicas como critérios válidos para o diagnóstico.

Os estudos de neuroimagem sugerem que o exercício da empatia, capacidade de se colocar no lugar de uma outra pessoa, é regido pelo córtex pré-frontal, camada mais superficial do terço frontal do cérebro humano, porém, esta função não está restrita a ele. Além disso, ele também atua colocando em ordem nossa vida, descobrindo, por exemplo, as regras de um jogo enquanto a pessoa está jogando pelas primeiras vezes, até que a pessoa se familiarize com tais regras. Responsável pela utilização de uma informação para alcançar um objetivo e de transformar as emoções simples em sentimentos. (Zimmer, 2004)

Diversas estruturas estão ligadas ao exercício da função empática, como o córtex orbitofrontal lateral, o giro frontal medial, o giro cuneiforme e o giro temporal superior; as amígdalas, bilateralmente, e o córtex somatossensorial. (Tavares e Ferraz, 2011)

De forma geral, a função empática depende de estruturas neocorticais, e um prejuízo destas estruturas poderia explicar as falhas na leitura do pensamento e sentimento alheio presente nos portadores do transtorno.

Raine et al. (2000) em estudos de neuroimagem verificaram que os pacientes diagnosticados com o TPAS apresentavam uma redução do volume da matéria cinzenta pré-frontal, o que explica a sua atividade empática prejudicada.

A amígdala é outra estrutura que os estudos volumétricos encontraram ligação com o TPAS. Elas são responsáveis, basicamente, pelo controle das atividades emocionais de ordem maior, como amizade, amor, medo, raiva e agressividade. O volume das amígdalas também se encontrou reduzido, estas deixam de transmitir, portanto, algumas informações para que o lobo frontal possa desencadear ações ou comportamento adequados. Chegam menos informações do sistema límbico, responsável pelas emoções, para o lobo frontal. Sem informações emocionais/afetivas acabam sendo desencadeadas ações lógicas, racionais e desprovidas de afeto.

Contudo, é importante ressaltar que parte do cérebro continua em desenvolvimento, segundo Serpa *apud* Carvalho (1997) nosso cérebro já possui a

totalidade de células nervosas que irão constituir o cérebro, porém durante o período de crescimento serão definidas as ligações destas células nervosas de acordo com as exposições do ambiente. O rumo destas ligações não tem relação com aspectos genéticos, mas sim vivenciais e processos de aprendizagem, o que implica dizer que durante a vida do indivíduo as experiências continuam a desenvolvê-lo. Sendo assim não há como um fator mesmo que neurobiológico se desligar totalmente do meio ao qual está exposto.

Permitindo assim dizer que não se pode estreitar um determinismo genético, já que “todo indivíduo humano deve inscrever na escritura de seu próprio cérebro, pela estabilização de redes neuronais particulares, sua história singular – afetiva, social e cultural”. (Lecourt em Prochiantz *apud* Carvalho, 1993, p. 14)

Mesmo com essas definições concretas utilizadas hoje no mundo científico, é importante ressaltar que este ainda é um transtorno muito discutido no próprio campo psiquiátrico, que atualmente se encontra dividido em dois âmbitos distintos (reducionista e antireducionista), que defendem diferentes hipóteses em relação à causa deste transtorno. Há inúmeros estudos e discussões a respeito do tema, entretanto, nenhum deles estabelece uma conclusão definitiva

Os reducionistas acreditam ser possível entender e explicar os problemas mentais baseando-se somente nos aspectos biológicos. Estes problemas seriam definidos por uma predisposição genética, sem nenhum tipo de relação com o meio em que o portador do transtorno viveu e cresceu. Acreditam que apenas uma disfunção neurobiológica nas estruturas neocorticais seria o fator causal deste transtorno, e mesmo recebendo atenção, carinho e crescendo em um ambiente harmônico apresentaria comportamento antissocial;

Para alguns especialistas, como Lotufo Neto, o que tem acontecido ultimamente é um empobrecimento da psiquiatria, porque esta está se tornando extremamente pragmática e biológica. Os aspectos neurobiológicos são de extrema importância, mas a medicina de forma geral, por se tratar do estudo do homem, e a psiquiatria – mais do que as outras modalidades médicas – deve levar não só as questões biológicas, mas todos os aspectos – culturais, sociais, etc. – porque é essa junção que o constitui o

homem em si. Não se pode encará-lo apenas como uma máquina biológica, e sim como um sujeito e ser social. (LOTUFO, 2012)

Do outro lado, estão os antirreducionistas, os quais acreditam que a causa do transtorno não deve ser reduzida a um só fator, no caso os aspectos biológicos. Segundo esta visão estes aspectos (biológicos) são sim importantes e essenciais, mas não determinantes para o surgimento, e muito menos para a compreensão do sentido que a experiência subjetiva tem para um indivíduo. Para eles, o que define é o resultado da junção do sistema nervoso central com o resto do organismo, e do organismo com o mundo. A disfunção neurobiológica deve ser combinada com um estímulo social e educativo negativo para assim, constituir um indivíduo que apresenta as características do transtorno de personalidade antissocial. A formação de um sujeito “é estabelecida pelos genes, moléculas, neurônios, convívio com outros humanos, investimento amoroso, palavras, cultura, tudo isso interagindo sem cessar ao longo da vida do indivíduo”. (BEZERRA, 2011)

Os estudos da genética nos afirmam que o ser humano é formado da interação de genótipo e fenótipo, interação dos nossos genes com o meio em que vivemos, então, além da pré-disposição genética, o ambiente em que a pessoa cresce, os exemplos que lhe são mostrados, a cultura, tudo isso influencia na formação da personalidade da pessoa. Uma vez, também, que o cérebro é formado no decorrer da vida pelas experiências do indivíduo, logo as situações pelas quais este passou irão influenciar diretamente no desenvolvimento de parte da estrutura do cérebro. Não há como ignorar a influência de fatores psicossociais no desenvolvimento do comportamento antissocial.

Homes et al. (2001) concluem que nenhum fator pode, sozinho, definir o transtorno; mas alguns agentes específicos quando juntos podem facilitar o desenvolvimento. São estes “predisposição genética, exposição intra-uterina a álcool e drogas, exposição durante a infância à violência, negligência e cuidados parentais inconsistentes e dificuldades de aprendizagem e desempenho escolar insatisfatório”.

Mesmo assim, de acordo com Del-Bem (2004), observa-se que existem poucos estudos que tenham se proposto a explorar de maneira ordenada a relação entre as experiências de vida e a personalidade antissocial.

É normal que busquemos explicações para a ocorrência de crimes brutais, como assassinatos em série, por exemplo, de forma a evitar a repetição destes. No entanto, o

que sempre vemos sendo veiculado na mídia, em geral, são explicações que se limitam ao diagnóstico psiquiátrico, uma análise fria e descontextualizada.

Benilton Bezerra (2011) diz que por mais que queiramos uma explicação imediata, há fatos que resistem a explicações simples. E, portanto, explicar um crime a partir de problemas mentais do criminoso significa cometer um grande equívoco.

Ao contrário do que a maioria acredita apenas a minoria dos doentes mentais chega a cometer algum crime. Na realidade, a população em geral comete mais crimes que estes. O que parece é que se tenta remediar a situação, colocando a culpa em problemas mentais que não podem ser evitados, e que, se não houvesse tais problemas, não haveria crimes brutais e desumanos, uma vez que eles só agem assim por sofrerem um transtorno mental, sem levar em conta que a violência só está na cabeça das pessoas porque ela ocorre no dia-a-dia.

É muito mais fácil atribuir a responsabilidade para um déficit biológico, no qual a sociedade não tem responsabilidade nem poder suficiente para mudar essa situação. Seria como passar a culpa e a responsabilidade para uma coisa que não temos influência. Quando casos brutais acontecem, a sociedade busca responsabilizar a psicopatia como um modo de isolar esse ser dos outros, com o pensamento de que tais coisas só ocorrem por conta de algo o qual não tenho como mudar, quando na verdade qualquer caso brutal pode acontecer com qualquer pessoa.

Bezerra alerta que para tentar entender um criminoso e o que o levou a cometer tal crime “é necessário examinar o indivíduo com o mundo ao seu redor, tentar compreender sua constituição biológica, sua história pessoal, e o ambiente humano em que cresceu, marcou seu jeito de pensar, sua maneira de lidar com os próprios conflitos, seu modo de se defender da angústia, seus sonhos e pesadelos”. O diagnóstico pode ser parte do problema, mas não é o problema em si.

Portanto, explicações focadas na neurobiologia e no funcionamento do indivíduo são apenas partes de algo muito mais completo e complexo. O reducionista acredita que tudo que sentimos e vivemos pode ser explicado por fatores simplesmente biológicos, como por exemplo, sentimentos como alegria, amor, tristezas, não representam para ele nada além da ação de neurônios. Já o antirreducionista se refere as doenças como um processo bem mais complexo, que pode ser desenvolvido em função de diversos fatores – inclusive o biológico, porém não somente ele. A questão biológica é importantíssima,

já que ajuda na compreensão das atividades do cérebro neste fenômeno, facilitando a busca por medicamentos eficazes. Ele permite explicar os correlatos neurais da experiência, mas peca ao deixar de lado o “conteúdo subjetivo da experiência, muito menos as razões pelas quais aprendemos a denominar, reconhecer, viver e tratar um certo tipo de experiência como sendo uma patologia”. (BEZERRA, 2011, p. 22)-

### **3. O TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISSOCIAL NA MÍDIA**

Pessoas que mentem com facilidade, cometem crimes, são agressivos, impulsivos, desrespeitam e violam os direitos dos outros, tudo isso sem sinal de remorso: assim são os portadores do transtorno de personalidade antissocial (ou psicopatas) quando retratados nos meios de comunicação. Por essas características se tornaram os vilões perfeitos para estrelar as mais diversas histórias, e por isso os roteiristas os amam.

Diversos filmes de grande sucesso, e muitos considerados clássicos da história do cinema, abordaram a psicopatia em algum personagem. Este é o caso, por exemplo, de “Psicose”<sup>3</sup> que foi o primeiro caso a abordar a figura do psicopata como *serial killer* no cinema com o personagem Norman Bates; além de Psicose outros filmes abordaram também o transtorno de personalidade antissocial, como “Seven”<sup>4</sup> que retrata a investigação de um assassino em série, John Doe age com frieza, é calculista e manipulador, comete seus crimes com a intenção de realmente chocar a sociedade.

Não somente filmes, mas a história de psicopatas também é retratada constantemente em novelas, como o personagem Leonardo Brandão que não demonstrava afeto sincero por ninguém, era manipulador, armava constantes golpes sem demonstrar sentimento de culpa, em “Insensato Coração”, novela exibida em 2011 pela Rede Globo.

O seriado norte-americano “Dexter” conta a história de Dexter, um psicopata *serial killer*, mas inusitadamente ele é considerado o herói da história, matando os bandidos que os policiais não conseguem prender. É um especialista forense em amostras de sangue, e usa das informações obtidas no departamento para encontrar algumas de suas vítimas, além de manter as aparências de um homem normal. Dexter foi adotado por um policial, que percebeu, durante a infância do filho adotivo, que este tinha uma tendência homicida. Logo, para evitar que virasse um grande vilão ensinou ao filho um código de conduta que representa as leis sociais, e o ensinou que deveria matar apenas suas idéias (psicopatas assassinos em série), e ainda o ensina a disfarçar bem seus crimes, para que não seja descoberto. Ele, na verdade, canaliza sua ‘sede de matar’ para tentar, de certa forma, ajudar a sociedade, matando seus iguais, que também possuem esse desejo de assassinar, mas diferente dele o realiza com vítimas inocentes.

---

<sup>3</sup> Filme de 1960 dirigido por Alfred Hitchcock

<sup>4</sup> Filme de 1995 dirigido por David Fincher

Estes são apenas poucos exemplos da abordagem de psicopatas nos meios de comunicação. São encontrados constantemente em filmes, seriados, novelas e em outros meios de comunicação.

Tudo que é mostrado na mídia depende da resposta dada pelo público a respeito dos assuntos abordados. Conclui-se então que há grande interesse apresentado pela população a respeito do tema, uma vez que cada vez existem mais histórias abordando a imagem dos psicopatas.

Segundo o psiquiatra e psicanalista Elie Cheniaux em entrevista concebida à Revista “Psique” acerca de seu livro “Cinema e Loucura: conhecendo os transtornos mentais através dos filmes” esse interesse pode ser explicado por termos dentro de nós impulsos sexuais e agressivos, mas que não são transformados em ações que coincidem com essa natureza na maioria dos casos porque são impulsos reprimidos por nossa consciência moral e pelo fato de respeitarmos as regras. Vendo as ações desses vilões nos identificamos com ele, e de forma fantasiosa e inconsciente, segundo Freud, satisfazemos nossos impulsos agressivo e sexual.

Contudo a maioria das abordagens do transtorno de personalidade antissocial na mídia mostra uma imagem pouco fidedigna do que realmente é o transtorno. Apresentam a ideia de que os portadores são seres cruéis e malignos por natureza, em sua maioria assassina em série, havendo, conseqüentemente, a criação de um estereótipo para os doentes, que devem ser temidos e excluídos.

Os cineastas, produtores, roteiristas, não se pautam por uma ideia fiel ao tema com o intuito de informar a população sobre o assunto abordado, o que eles buscam são elementos artísticos para formar uma história que prenda a atenção do espectador e que os dê altos números de bilheteria, e conseqüentemente o sucesso. O interesse dos filmes, séries e novelas, não é seguir integralmente as características de um transtorno, e sim chamar a atenção do público para a história, uma vez que são ficções, portanto, cabe ao público também discernir a imagem apresentada na grande mídia da imagem real.

De fato, a doença mental é muito estigmatizada pela sociedade, e sempre associada a mitos de que o doente é violento e perigoso, por se tratar de uma pessoa que tem seu comportamento descontrolado. É comum que haja uma associação do portador do transtorno de personalidade antissocial à crimes e agressividade, sem saber que na realidade a maioria dos doentes não são criminosos e a maioria dos criminosos não é doente.

É inegável a influência que a mídia, ou o “quarto poder”, como é chamada em uma alusão com os três poderes do Estado (legislativo, executivo e judiciário), tem na criação ideológica, formação de opinião, controle comportamental da sociedade globalizada do mundo atual.

Por definição a mídia é “qualquer suporte de difusão de informações (rádio, televisão, imprensa escrita, livro, computador, videocassete, satélite de comunicações etc.) que constitua simultaneamente um meio de expressão e um intermediário capaz de transmitir uma mensagem a um grupo”.

Não pode ser descartado o fato de o sistema capitalista estar presente nas ideias midiáticas, portanto, estas não pensam somente em informar a população da melhor forma, e sim chamar a atenção, nem que para isso seja necessário omitir e ressaltar fatos não totalmente verídicos em viés para conquistar seu público alvo e ganhar dinheiro com isso.

A crescente abordagem da psicopatia nestes meios está diretamente ligada ao aumento da curiosidade da população acerca de tal transtorno, uma vez que as atitudes apresentadas na mídia fogem de nosso entendimento, se busca entender o que faz com que essas pessoas ajam de maneira tão fria e cruel.

Já que há uma grande procura a respeito do assunto como resposta para saciar essa curiosidade, vemos a todo instante novas tentativas de explicar tal comportamento para a população, tanto na mídia impressa (jornais, livros e revistas) quanto na mídia audiovisual (entrevistas).

Por mais que haja uma inclinação e uma grande influência do que é visto nos filmes para a imagem real há, ainda, a consciência, por parte de muitos, de que se trata de que se trata de uma ficção e que, portanto as imagens retratadas, são por sua vez, pouco verossímeis com a realidade cotidiana.

Porém, quando meios que são ditos científicos abordam a questão visando explicar a psicopatia para o meio leigo, é que se encontra o maior problema, uma vez que na maioria das vezes há uma aceitação do que é dito nestes, sem pensar que da mesma forma que os filmes eles também querem vender seu produto, e quanto mais sensacionalista mais chamará a atenção do espectador, aumento o número de vendas e conseqüentemente do lucro.

Na mídia impressa existem livros, como “Mentes perigosas – O psicopata mora ao lado” (2008) que por um lado tendem a retirar o modelo de psicopata ligado ao

assassino em série. A autora diz que estes não são sempre assassinos agressivos, mas sim, na maioria das vezes, pessoas normais, que não chegam a cometer crimes. São pessoas que podem ser encontradas em qualquer segmento da sociedade. O que poderia contribuir com a diminuição do estigma que está relacionado ao portador de transtorno de personalidade antissocial. É certo que eles podem ser encontrados na política, no mercado de trabalho, e por sua capacidade de manipulação, pelo fato de serem extremamente egocêntricos, não apresentarem algumas emoções, e por função empática prejudicada, são ótimos mentirosos e muitas vezes bem-sucedidos. Ela os apresenta principalmente como os golpistas, enganadores e aproveitadores. Porém torna-se um problema à medida que há uma generalização a respeito do assunto.

Não significa que porque os psicopatas podem ser manipuladores que todas as pessoas que admitem também essas características serão. Existem pessoas que são de má índole, enganam, mentem e manipulam os outros sem que possam ser consideradas portadoras do transtorno de personalidade antissocial.

Ao mesmo tempo em que este livro é uma boa ferramenta para eliminar a ideia de psicopata ser um *serial killer*, torna-se prejudicial para o entendimento a respeito da doença por parte da população, pois o livro, precipitadamente, ensina como identificar um psicopata, além de passar a imagem de que estamos todos cercados por estes.

Além de livros, na mídia impressa também encontram-se outros meios de comunicação que abordam o transtorno de personalidade antissocial. Por mais que o maior alvo do jornalismo impresso seja o jornal, as revistas também representam um grande papel nessa área, principalmente por ser mais interativa que o jornal. Os impressos, de forma geral, têm uma credibilidade muito forte, uma vez que podem servir como forma de documento histórico.

As primeiras revistas publicadas no Brasil eram inspirações de publicações feitas no exterior, e tinham como objetivo retratar informações que abrangessem o interesse de toda população. Com o tempo as revistas foram se direcionando e focando em um público alvo específico, mulheres, homens, público jovem, entre outros. É essa direção das matérias publicadas focando em um público específico que tem grande comprometimento em manter o sucesso de muitas revistas nessa era de fortalecimento contínuo de meios como a televisão e a rede de internet. (Moraes et al, 200-)

Elas mantêm essa força, pois conhecem seu público, e sabem exatamente o que eles querem ler, apresentando assim certa vantagem de se manter em alta no quesito de interesse do público e seu *status* no mercado. A autora Marília Scalzo exemplifica bem essa questão no trecho de seu livro:

Para ilustrar, podemos lançar mão da seguinte imagem: na televisão, fala-se para um imenso estádio de futebol, onde não se distinguem rostos na multidão; no jornal, fala-se para um teatro, mas ainda não se consegue distinguir quem é quem na platéia; já numa revista semanal de informação, o teatro é menor, a platéia é selecionada, você tem uma idéia melhor do grupo, ainda que não consiga identificar um por um. É na revista segmentada, geralmente mensal, que de fato se conhece cada leitor, sabe-se exatamente com quem se está falando (SCALZO, p.20, 2004).

Sendo assim, a relação que uma revista tem com seu leitor é representa muito mais confiança e credibilidade que a de um jornal ou um livro, pois além de toda essa proximidade gerada pelo direcionamento de suas matérias tendo em vista um público alvo, a revista aprofunda mais os fatos de maneira dinâmica, chamando e mantendo mais a atenção do leitor. Scalzo diz também que a revista é mais profunda que o jornal e menos que os livros. Isso porque os jornais tendam abordar um pouco de cada assunto e os livros se restringem a apenas um tema, e a revista por sua vez fala de um tema através de diversos assuntos.

As revistas representam hoje em dia uma mistura de informação com entretenimento, uma vez que nela contem itens como linguagem, reportagem e visual. A linguagem coloquial, com diálogos, narrações, apresenta a liberdade linguística que é adotada nas revistas, contribuindo também para uma aproximação revista e leitor. Além disso, conta também, e principalmente, com imagens, infográficos, e ilustrações, que são utilizados principalmente para chamar a atenção do leitor.

Uma das modalidades do jornalismo em revistas é o científico, que se mostra extremamente importante na atualidade, onde as inovações e descobrimentos científicos se desenvolvem em um ritmo cada vez mais acelerado, logo o papel deste tipo de jornalismo é acompanhar esses descobrimentos e informá-los para a população.

Essa forma de jornalismo se divide, em três categorias: de difusão; de divulgação; e de disseminação.

A primeira, de difusão, é caracterizada por fazer referência a qualquer recurso para veicular informação científica. As matérias de divulgação são aquelas objetivam divulgar o conhecimento científico para o público em geral. Já as de disseminação são definidas como as matérias destinadas a um público em específico – especialistas – por conter linguagem técnica sobre o assunto. (Novaes, 2008)

A ciência em si não é uma das grandes matérias conectadas diretamente com a vida dos brasileiros, na visão de muito fica restrita apenas à laboratórios e à especialistas. Por conta disso, para ser feita a divulgação por difusão é necessário aproximar a ideia contida na matéria por algo do cotidiano da população, e principalmente, não usar termos extremamente técnicos, buscando apresentar os assuntos de maneira simples e coloquial.

Assim, atualmente, ocorre uma discussão em função desta apropriação do conhecimento técnico para o meio leigo, pois os pesquisadores temem que ao reduzir e simplificar demasiadamente o conteúdo de certas pesquisas, as informações sejam mal traduzidas, havendo conseqüentemente, uma má divulgação dos conhecimentos por este adquiridos – o que de fato acontece. O jornalista por sua vez acusa o cientista de ser audacioso, porque enxerga ele como uma fonte de conhecimento pouco acessível.

Uma, entre as diversas revistas, presente na mídia leiga, que aborda o transtorno de personalidade antissocial com considerada frequência é a “Superinteressante” que busca explicar a psicopatia para seu público, mostrando grande interesse em abordar o assunto em suas edições, que já foi três vezes capa da revista: em julho de 2006 – Psicopata: cuidado tem um ao seu lado; maio de 2011 – Psicopatas no trabalho; em maio de 2012 – Pequenos Psicopatas. Em julho de 2009 a revista fez uma edição especial sobre as “Mentes Psicopatas”. A edição de dezembro de 2010 contou com uma pequena entrevista com o neurocientista James Fallon, da Universidade da Califórnia, a respeito da psicopatia.

Ela entrou no mercado brasileiro em 1987, quando a editora Abril comprou os direitos da revista espanhola Muy Interesante. A revista visa apresentar assuntos dos campos das ciências Físicas e Biológicas, Geografia, Psicologia, Zoologia, Astronomia, Sociologia e temas atuais. Sua primeira edição já fez extremo sucesso com o público que esgotou todos os cento e cinquenta mil exemplares, o que levou a editora a imprimir

mais sessenta e cinco mil para lidar com a busca. Já no primeiro dia nas bancas cerca de cinco mil pessoas fizeram a assinatura da revista. Assim a revista quebrou vários recordes de venda, ganhou diversos prêmios e conseqüentemente o respeito do público. (Moraes et al, 200-)

No início tinha intenção de ser reconhecida como revista científica, o que levou a revista a publicar, principalmente, temas que envolvessem as ciências naturais. Sendo assim a revista ganhou diversos prêmios com o título de revista científica, mas por conta da predominância de outros temas em suas publicações essa ‘etiqueta’ de revista científica foi sendo perdida aos poucos.

O objetivo de toda revista é a elaboração de matérias que se assemelhem e se aproximem ao público alvo, objetivando sempre a inserção do que está sendo exposto na realidade do leitor. Não é diferente o caso da “Superinteressante”, que é distribuída em edições mensais, que tem como objetivo atingir, principalmente, o público jovem, sem restrições do sexo. É uma revista que se caracteriza pela diversidade dos temas abordados, trazendo explicações sob o viés científico em relação a assuntos peculiares, os quais ativam à curiosidade do leitor, propondo-se a sanar dúvidas, esclarecer fatos e abordar fatos interessantes, que nem sempre chamam tanto a atenção, mas que estão presentes no cotidiano.

Por apresentar esses assuntos de forma simples, clara, objetiva e muitas vezes interativa, sendo, portanto, de fácil entendimento, a revista ganhou grande espaço na vida de diversos brasileiros.

Com relação à psicopatia, a revista tenta explicar a doença de forma simples. Contudo, essa apropriação de conhecimento científico torna-se um problema, já que por ser uma revista que aborda suas matérias segundo a ótica da ciência, as pessoas costumam aceitar o que é publicado sem questionar, e ficam muitas vezes sem saber que existem outros pontos de vista e opiniões, e, acreditam fielmente no que é veiculado.

A simplificação do assunto pode acarretar em um grande prejuízo, já que o transtorno de personalidade é extremamente complexo e pouco compreendido pela própria psiquiatria. O sensacionalismo exacerbado da revista também pode ser identificado como um problema, porque suas publicações muitas vezes se assemelham à ideia fictícia da psicopatia proposta nos filmes, contudo, na revista muitas pessoas acreditarão fielmente no que é dito.

Além do fato da revista abordar e defender, majoritariamente, a ideia defendida pelo campo reducionista, explicando a psicopatia tendo como única causa o aspecto biológico e as disfunções cerebrais, sem grande ligação da causa do transtorno com o meio em que o indivíduo está inserido. Nas matérias, a visão adotada defende que a predisposição genética define sozinha o transtorno de personalidade antissocial.

#### **4. ANÁLISE MATÉRIAS REVISTA “SUPERINTERESSANTE”**

##### **4.1. “Todos nós somos um pouco psicopatas” –**

Na matéria “Todos nós somos um pouco psicopatas” publicada na edição especial da *Superinteressante* “Mentes Psicopatas” (2009) o neurologista Ricardo Oliveira Souza, pesquisador do Centro de Neurociências da rede Labs-DOr e da UFRJ, é entrevistado pela redação da *Super* e defende a ideia de que toda a população tem traços psicopatas.

Há um grande equívoco nesta afirmação, pois se utiliza o termo psicopata como uma característica ou um adjetivo para definir alguém que aja com base em pensamentos individualistas e egocêntricos, não havendo algum tipo de limitação. O que caracteriza a precipitação exposta nesta afirmação é que a “psicopatia” é um transtorno de personalidade sério e complexo, o qual é objeto de estudo da medicina e psicologia, estando presente em manuais de diagnósticos como o DSM e CID, não podendo haver, portanto, uma generalização do transtorno como uma ingênua característica e a simplificação extrema do assunto em questão.

Ele diz que os verdadeiros psicopatas agem seguindo unicamente estes instintos egoístas, e as pessoas normais tendem a ter, naturalmente, ações caracterizadas como psicopatas, mas por muitas vezes pendemos para o lado totalmente oposto destas atitudes, estas ações não dominam perante as outras, sendo esta a diferença crucial entre as pessoas normais e as portadoras do transtorno de personalidade antissocial.

Para defender tal tese o entrevistado cita exemplos de situações cotidianas nas quais o comportamento pode ser enquadrado como psicopata. Para isso ele diz: “se você às vezes mente para levar vantagem, ou se um dia resolveu não ajudar uma senhora a atravessar a rua, vá lá. Deve ser só um pouquinho psicopata”.

Além da exemplificação, outra maneira utilizada pelo autor como forma de fortalecer a ideia exposta na reportagem é a utilização de comprovações por meio da biologia, ele cita que foram realizados estudos com ressonância magnética detectando as diversas partes do cérebro ao serem ativadas por exercícios de situações impostas que podiam desenvolver uma atividade psicopática, segundo ele.

A situação que foi colocada neste exercício foi uma maneira por ele encontrada de exercer a função empática das pessoas submetida ao experimento. Foram dados US\$120 para estas pessoas para fazer o que escolhessem com o dinheiro: ou ficar para si ou doar para alguma instituição de caridade. Os cérebros das cobaias eram monitorados

observando as regiões ativas no cérebro enquanto tomavam a decisão. Foi observado que quando ficavam com o dinheiro para uso próprio era ativada a região de recompensa do cérebro, o prosencéfalo basal. Já quando o dinheiro era doado essa mesma área era ativada, além do córtex subgenua, que é a região designada para a empatia, que aparece quando é realizado algo em benefício de outro.

Ricardo Souza ressalta uma questão que o estudo gerou: seríamos egoístas mesmo quando estivéssemos ajudando o próximo? Já que ao realizar alguma ação de caridade a área responsável pela recompensa e satisfação também é ativada. Mas ao ser questionado quanto ao que ele realmente achava, foge da questão e diz que por ser um cientista prefere deixar essa questão para a filosofia.

Essa afirmação de que a filosofia e a ciência devem ser separadas nos remete ao empobrecimento que vem ocorrido com as ciências, a medicina e principalmente a psiquiatria, pois a filosofia e o meio social vêm sendo excluídos para ter somente em base a biologia, o que gera um grande prejuízo, pois para entender o ser humano como um todo não podem ser deixados de lado conceitos tão importantes como estes. Devem, portanto, caminhar juntos, e não serem separados e antagonizados desta maneira.

Ademais é extremamente contestável esta hipótese de caracterizar as pessoas como egoístas apenas por sentirem prazer em ajudar o próximo. Egoísmo é o hábito de colocar seus interesses em primeiro lugar em detrimento aos demais. Sendo assim o ato de caridade estimula a sensação de prazer porque muitos se sentem bem realizando ações de boa índole, como se pudesse ajudar a melhorar certas situações inadequadas. O altruísmo causa sensações de prazer, mas nada indica que este prazer é gerado por um interesse próprio e não no de terceiros.

Ele caracteriza o verdadeiro psicopata como o que tem tais ações egoístas com maior frequência. Ainda como considera que as lesões cerebrais destes envolvem mais do que o simples prazer ao agir caridosamente, o que caracteriza um possível e leve egoísmo, o que não é o fato dos portadores do TPAS<sup>5</sup>. Atenta ainda para a questão de que “não existe psicopata que não cause danos”. Para ele as tendências à atitudes individualistas dos psicopatas acarretariam a certeza de prejudicar alguém. Ele os vê como seres cruéis, caracterizados por burlar constantemente as leis morais, e que só

---

<sup>5</sup> Transtorno de personalidade antissocial

estão atualmente na sociedade porque passaram por uma seleção natural, em que sua personalidade fria e sem medo favorece o desbravamento, caracterizavam uma vantagem biológica.

A única referência utilizada como fonte de argumentação para fortalecer sua tese é do próprio entrevistado, o que enfraquece a ideia, já que não são apresentadas outras autoridades que confirmem o que está sendo exposto.

Na entrevista Souza defende a tese de que o transtorno de personalidade é causado apenas por uma disfunção neurológica nos portadores, para isso ele cita exemplos de sua experiência pessoal, porém, sem citar a fonte ou outras informações sobre os casos:

“Tem um caso que eu acompanho em que o sujeito era um bandido matador, psicopata grave. Ele sofreu um acidente, bateu a cabeça, e deixou de ser agressivo. Continua com uma personalidade fria, mas não transgride mais. Um outro psicopata que eu também acompanho deu um tiro na própria cabeça, sobreviveu, e parece estar curado totalmente da personalidade antissocial. Foi uma autolobotomia.” (SOUZA, Superinteressante, julho 2009)

Com esses exemplos, deixa para o leitor a ideia da predisposição genética à alguma má formação cerebral ser única e definitivamente responsável pela causa do transtorno. Contudo, deixa o mesmo sem grandes informações e elucidações do caso. Além de falhar ao omitir que existem diversos estudos que defendem o fator social como também responsável pelo aparecimento do transtorno, apresentando um tema que ainda não é constituído como consenso na comunidade científica como se fosse um.

#### 4.2. “O parasita mora ao lado”

Esta matéria escrita por Alexandre Carvalho dos Santos publicada na edição “Mentes Psicopatas” (2009) tem como objetivo principal ensinar o leitor a identificar psicopatas nos meios sociais mais diversos – na amizade, no trabalho, no amor – e após

serem identificados são dadas soluções para lidar com a situação e como tratar estes psicopatas de modo que a pessoa não saia prejudicada.

Primeiramente o autor se propõe a alertar a população que os psicopatas não são, na maioria das vezes, assassinos perigosos como são vistos nos filmes de terror, mas que na realidade poucos deles seguem esta imagem, já que poucos são os que chegam a cometer um crime, ou ser descoberto por ele. Contudo, logo no título da matéria é possível notar como as matérias sobre o assunto são estigmatizadas no caráter criminoso ou extremamente cruel do psicopata, marcado pelo uso de palavras como ‘parasita’.

Os psicopatas são colocados como seres extremamente manipuladores, aproveitadores, desestabilizadores de famílias, os quais não hesitarão em enganar as pessoas e passá-las para trás em virtude de seus interesses pessoais.

Utilizando um argumento de autoridade, no caso do professor de psiquiatria da PUC Campinas Geraldo José Ballone, de que a “dissimulação é um dos principais sintomas que compõe a psicopatia. A simpatia e o carisma encobrem o seu verdadeiro perfil . Em geral quando percebemos a possibilidade de um conhecido ser um psicopata, o dano já está feito”. Assim ele fortalece a ideia exposta que os psicopatas que convivem com a população diretamente, nos aspectos pessoais quanto profissionais, são extremamente difíceis de serem percebidos.

Assim o autor propõe-se, pondo em questão a ética profissional do jornalismo, que segundo Novaes apud Stocking (2005) os jornalistas estariam tornando a ciência mais exata do que ela é, e se apropriando de um conhecimento equivocado para passar à população.

É importante ressaltar novamente que o transtorno de personalidade social não são apenas características atribuídas a alguém, e sim um diagnóstico realizado por médicos formados. Não podendo ser passado um manual para a população leigo, sem profundo conhecimento sobre o assunto, elaborado por um jornalista como forma de diagnosticar um portador do transtorno.

Para cada meio social é feito um manual diferente para que o leitor possa aprender e detectar os comportamentos em cada segmento .

Na amizade o autor relata o psicopata como um amigo folgado, que vive se aproveitando das suas coisas, e que aos poucos vai sugando todas suas coisas boas, tanto bens materiais como relações pessoais – namoros e outras amizades. E que para alcançar êxito nestes quesitos se faz de um grande amigo, para assim interpretar a personalidade da pessoa em questão e conquistar a confiança.

Porém, quando a vítima se dá conta e tenta afastá-lo de sua vida já é tarde demais. Ballone afirma que “quase sempre o amigo é o último a acreditar na índole sociopática do amigo”.

Para finalizar esta parte o autor alerta para o seguinte: “Ele pode não arrancar pedaços do seu fígado para comer no café da manhã, mas vai tirar um bocado do que você tem de autoestima, dignidade e confiança no próximo”. Nesse trecho pode ser notado o sensacionalismo dado à questão, atentando mais uma vez a ética e a coerência do jornalismo.

O exposto em relação aos relacionamentos de amizade com os psicopatas muito se assemelha à forma do amor com eles. Sandra L. Brown<sup>6</sup> é citada ao dizer que não é possível manter um relacionamento sadio com um psicopata e ser feliz com ele, afirmando que as pessoas normais sairão sempre machucadas em função da patologia de seus parceiros.

A matéria diz que “o coração é cego e burro” e portanto, segundo o autor, é uma presa fácil para os psicopatas. Ele conhece a vítima e se empenha arduamente em encontrar o ponto mais vulnerável de uma pessoa, para investir e conquistá-la. Após a conquista ele passa a, assim como os amigos, absorver todas virtudes possíveis da pessoa.

Adverte ao leitor, que caso tenha sido vítima de um psicopata nas relações amorosas será uma árdua tarefa se ver livre dele. Caso seja desejo do psicopata terminar o relacionamento o fará com uma facilidade tremenda, pois segundo o exposto na matéria, o relacionamento para ele é visto apenas como ganho de seus objetivos, caso este não esteja atendendo suas expectativas irá querer se ver livre deste. Já se a situação for o inverso seria complicado, pois segundo Sandra Brown “o psicopata vai ignorar a vontade da vítima. Podendo segui-la, arquitetar uma vingança e chegar até a ameaçar a

---

<sup>6</sup> Autora do livro *Woman Who Love Psycopaths* (“Mulheres que amam psicopatas”).

vida da pessoa”. A matéria demonstra, novamente, uma figura muito sensacionalista, enfatizando uma crueldade dada aos psicopatas como forma de chocar o leitor.

O último meio em que é feito o alerta e ensinado a ‘detectar psicopatas’ é no ambiente profissional. Este é considerado, pela revista, como o ambiente mais adaptado para o psicopata não ser notado, principalmente com o aumento da competitividade gerado pelo capitalismo, o qual consiste em um sistema excludente, e por isso há uma contínua busca por profissionais mais adaptados e eficientes, que irão realizar as funções de forma mais eficaz para maior ganho de capital. É um sistema dividido por classes, portanto é necessária a manutenção do contraste social entre a população, que é dado pelas diferenças nos cargos de trabalho. No capitalismo a luta de melhores condições de vida tornou-se particular, todos querem alcançar o maior cargo em uma empresa como forma de obter maior ganho financeiro, o que acarreta, de certa forma, o desenvolvimento de sentimento individualista em cada um.

Explicita ainda a facilidade que o psicopata tem de manipular e enganar as pessoas, o que torna mais fácil que este consiga a vaga de emprego desejada e que suba, mesmo que atrapalhando terceiros, na escala profissional. Esta contratação do psicopata acarretaria em sérios danos para a empresa, e caso exerça um cargo de chefia, à seus subordinados, uma vez que de acordo com a matéria “ele não tem espírito de equipe” além de se importar somente com “a satisfação rápida e intransferível” pessoal, e não da empresa toda com um conjunto.

Assim, a revista ensina ainda como lidar após já identificados os psicopatas. São dados conselhos para o leitor lidar com os possíveis psicopatas, que consistem em dicas a serem exercidas sob qualquer um que não mereça confiança, como não emprestar dinheiro, prestar atenção nas mentiras, não ceder a própria casa, impor regras, não sentir pena de suas simulações, investigar possíveis histórias já cometidas por ele com a família do mesmo, manter distância, guardar provas de possíveis negociações, ser extremamente eficaz nas atividades realizadas, para seu chefe psicopata não pode reclamar.

Há nos três meios apresentados – amor, amizade e trabalho - uma generalização extrema do comportamento de um portador do transtorno de personalidade antissocial. O que é passado pela revista como forma de identificá-los nada mais é do que um

comportamento de má índole, no qual não há garantia alguma se a pessoa sofre ou não do transtorno. E as soluções são apenas questões lógicas a se fazer quando não há confiança no outro.

#### 4.3. “Meu filho é um psicopata”

A edição de maio de 2012 trás em sua capa o título “Pequenos Psicopatas”, abordando crianças que, segundo a “Superinteressante” já nascem más, e para exemplificar esta ideia trazem na matéria “Meu filho é um psicopata” histórias de quem já conviveu com estas ‘crianças cruéis’.

Começa defendendo que a “maldade pura existe. Ela é muito pior do que você imagina. E pode começar na infância”.

Eduardo Sklarz, autor do texto, apresenta a psicopatia em crianças, ele diz que embora o diagnóstico preciso só possa ser feito aos 18 anos<sup>7</sup> é possível captar o comportamento antissocial bem antes disso.

“as crianças psicopatas mentem muito, são manipuladoras, impulsivas e extremamente egocêntricas. Também são cruéis. Podem queimar um cachorro ou estripar um gato. Sufocar um irmão com um travesseiro sem sentir culpa, tentar queimar os explodir coisas. Mais tarde na adolescência podem praticar vários atos de violência sexual e homicídios com requintes macabros.” (SUPERINTERESSANTE, maio 2012)

Apenas nesse trecho pode ser notada uma inclinação da revista para a possível crueldade destas crianças ditas psicopatas. O autor afirma que a crueldade está presente em todas elas, generalizando e criando um estereótipo de assassino maléfico como é comum ser apresentado nos filmes. A revista de caráter científico se enquadra, portanto, no mesmo grau de sensacionalismo e ficção do transtorno de personalidade antissocial, já que dados estatísticos do DSM-IV afirmam que cerca de 70% dos portadores não chega a cometer um crime. Não é possível manter uma relação direta de causa e efeito

---

<sup>7</sup> Um dos critérios adotados pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais para o transtorno de personalidade antissocial é que o indivíduo tenha no mínimo 18 anos.

entre um diagnóstico psiquiátrico e uma conduta violenta como as citadas, a maior parte dos crimes violentos, na realidade, é cometida por pessoas normais. (BEZERRA, 2011)

Ademais o autor afirma que todo esse comportamento citado por ele não tem menor relação com o meio social no qual a criança está inserida. Para ele não há “um motivo ou fator causador, a não ser o puro instinto”. Os pais nada podem fazer a respeito da situação, pois estudos sugerem que a psicopatia pode ser causada por disfunções cerebrais, sem influencia na educação dada na formação da personalidade deste. Ele diz que “é como se os psicopatas já nascessem sentenciados a serem maus; e suas famílias a conviver com isso”.

Além da generalização que contribui para a criação de um mito sobre a imagem do psicopata o autor se responsabiliza por omitir um dos lados dos estudos da psiquiatria acerca da causa da psicopatia. Ele afirma que o meio nada influencia e cita a possibilidade do transtorno ser causado por problemas estruturais no cérebro, porém essa é apenas uma das hipóteses presentes hoje no meio científico. Existem ainda aqueles que defendem a influência do meio social em que cresceu o indivíduo como um dos fatores que deve ser responsabilizado pelo aparecimento do comportamento antissocial, o que é omitido por Sklarz, que torna, em sua matéria, a ciência mais exata do que realmente é. Os leitores, caso não pesquisem e aceitem o que está escrito na revista, irão aceitar isto como verdade absoluta, sem o conhecimento de uma segunda posição.

Na matéria são relatados experiências das pessoas com as crianças psicopatas. São diversos casos em que, por exemplo, uma mãe conta que se sentia ameaçada pelo filho, pois achava que ele queria matá-la, e para não ter que lidar diretamente com a situação expulsou o filho de casa quando este completou 21 anos. Nos comentários deste caso o autor relata, citando Guido Palomba<sup>8</sup>, que não necessariamente uma criança agressiva e perversa se tornará adultos com as mesmas características na personalidade, o que se mostra contraditório em relação à tese da matéria, que defende que a crueldade na infância é um dos sinais que é um indivíduo psicopata, mesmo sem um diagnóstico preciso.

---

<sup>8</sup> Psiquiatra forense

Contam casos em que os pais afirmam ter dado tudo: amor, carinho, educação, viagens, e mesmo assim o indivíduo apresentou durante sua vida comportamento antissocial maltratando os irmãos, abusando sexualmente de outras pessoas, e extorquindo outras. Hoje ela diz que ele é um viciado em drogas.

São relatadas diversas experiências nas quais a criança, por exemplo, tentou matar os pais; homicídios; cometeu crimes sádicos esquartejando a vítima; e roubos.

Carl Gacono, psiquiatra forense, foi mencionado na matéria por dizer que as crianças tem normalmente dificuldade em lidar com as emoções, podendo ser narcisistas, impulsivas, egoístas, mas isso não as define como psicopatas, e sim a falta de remorso em agir perante essas características na personalidade.

A matéria conta relatos, porém muitas vezes sem depoimentos detalhados, e que usam sempre o transtorno de personalidade como responsável pelas atitudes cruéis, mesmo que não tenha ocorrido o diagnóstico, em alguns casos, por profissionais. Contudo, não é possível afirmar que as atitudes foram tomadas por conta de problema psiquiátrico sem conhecer as reais razões e sentimentos dos acusados nos exemplos, em diversos casos não foi realizado diagnóstico por psiquiatras, logo não há nada que confirme que o indivíduo é portador do transtorno de personalidades antissocial, já que não há nada que defina que este pode ser diagnosticado através de crimes cometidos.

Ademais a utilização do diagnóstico como fator responsável é uma atitude precipitada, já que segundo Bezerra (2011) “um diagnóstico pode ser uma peça no quebra-cabeça das complexas relações por trás de seu ato, mas certamente não é a chave do enigma”

## **CONCLUSÃO**

Considerando as diversas modificações no conceito de psicopatia e transtorno de personalidade, além de ser um transtorno pouco compreendido e com diagnóstico pouco preciso pelos manuais propostos pela medicina, é natural que seja considerado um transtorno incerto para a população leiga.

O portador deste transtorno é caracterizado pelo egocentrismo, individualismo, ausência de remorso e empatia: o perfil perfeito para o criminoso. Logo este vem sendo associado majoritariamente como grandes vilões nos meios de comunicação, o que influencia na criação de um estereótipo dos indivíduos que apresentam comportamento antissocial.

Por vivermos em uma sociedade em que por conta do sistema altamente competitivo e individualista estas características dadas ao psicopata podem ser vangloriadas e facilmente camufladas na sociedade, por causa desta facilidade em se esconder no meio dos demais cresce o número de informações veiculadas sobre o transtorno.

Contudo esta informação difundida no meio leigo pode acarretar em danos para o entendimento da patologia, uma vez que não são abordados de maneira verossímil à realidade. O que vemos são constantes associações do psicopata com crimes brutais, o que leva a criação de uma imagem mito do indivíduo que apresenta comportamento antissocial. Considerando o poder de influência que a mídia tem sob a formação de opiniões da população o que é apresentando nesta precisa ser balanceado para ter ligação com a realidade, e não contribuir para a criação de um modelo para o psicopata.

A “Superinteressante” é uma revista que busca explicar o transtorno de forma simples e objetiva, contudo, essa simplificação extrema pode ser prejudicial, já que se torna provável a omissão de certos elementos essenciais para a interpretação deste.

Ademais nas matérias analisadas ocorre uma generalização do portador do transtorno de personalidade com as características de um indivíduo de má índole. A revista mostra como se qualquer um que apresente comportamento egoísta, com ausência de empatia, possa ser considerado um psicopata.

Este é um grande erro, pois a população não tem como diagnosticar corretamente um indivíduo apenas por algumas de suas ações, pois este consiste em um diagnóstico sério devendo ser realizado apenas por médicos que conheçam a história de vida do indivíduo, e não apenas o relato de uma de suas ações. Utilizar o diagnóstico como explicação para atitudes de uma pessoa é temerário, pois não se conhece o sujeito em questão, mas sim apenas uma história, não sendo ético nem correto fazer essa assimilação.

O sensacionalismo, recurso que intensifica, exagera e valoriza a emoção gerando uma perda da informação real sobre o assunto é facilmente notado nas matérias analisadas da revista em questão, o que também prejudica na compreensão do transtorno de personalidade antissocial.

A ligação apresentada nas matérias entre violência e doença mental é errônea, já que a população livre de patologias comete mais crimes do que os doentes, não havendo nenhuma ligação concreta entre estes.

Nas matérias estudadas é apontada a visão do campo reducionista – o qual reduz a causa do transtorno unicamente para questões bioógicas – como uma verdade absoluta, não apresentando a existência de uma segunda tese sobre o assunto, no caso dos antirreducionistas.

Conclui-se que a imagem passada do transtorno de personalidade antissocial é de caráter extremamente sensacionalista, contribuindo para assimilação deste com criminosos violentos, além da disseminação de uma falsa verdade e da generalização da apropriação do conhecimento científico, dando ao leitor o poder, errado segundo a ciência, de diagnosticar um individuo apenas por algumas de suas ações, sem que haja profundo conhecimento científico sobre o assunto. Logo, torna-se necessário o acompanhamento dos efeitos produzidos pelas matérias no leitor.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALMEIDA, Francis Moraes de. **Máscaras da Insanidade: Emergências e ressurgências do conceito de psicopatia na psiquiatria contemporânea.** Dezembro de 2007 - Vol.12 - Nº 12

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais - DSM-IV, 2003.** Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/site/DefaultLimpo.aspx?area=ES/VerClassificacoes&idZClassificacoes=231>>. Acessado em 18 de agosto de 2012.

ARAÚJO, Fabíola dos Santos. **O Perfil do Criminoso Psicopata.** Julho de 2011. Disponível em <<http://www.conteudojuridico.com.br/artigo,o-perfil-do-criminoso-psicopata,32921.html>>. Acessado em 21 de agosto de 2012.

BALLONE, GJ, MOURA EC – Personalidade Psicopática – in PsiqWeb, Internet, disponível em <[www.psiqweb.med.br](http://www.psiqweb.med.br)>. Acesso em 02 de novembro de 2012.

BEZERRA, Benilton. **Entrevista.** Disponível em: <<http://www.epsjv.fiocruz.br/upload/EdicoesRevistaPoli/R19.pdf>>. Acesso em: 20 junho. 2012.

CARVALHO, Maria Cecília A. **Sobre a Formação Teórico-Clínica de Médicos Psiquiatras: Um Estudo na Rede de Saúde de Niterói.** 1995. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia da PUC/RJ.

CARVALHO, Maria Cecília de Araújo. **Subjetividade e Cultura – (O sujeito da Biologia)**

CAVALHEIRO, Aldeyse de Moura. **Transtorno De Personalidade Antissocial: Tratamento E Repercussão Social.** 2011

CHENIAUX, Elie. **Entrevista.** Revista Psique, nº 78. Editora: Escala. 2012.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à filosofia.** 2006

CLECKLEY, Hervey M. **The Mask of Sanity: An Attempt to Clarify Some Issues About the So-Called Psychopathic Personality.** 1988; ed. 5; 485 p. Disponível em: < [http://www.cassiopaea.org/cass/sanity\\_1.Pdf](http://www.cassiopaea.org/cass/sanity_1.Pdf)>. Acessado em 15 de setembro de 2012.

COSTA, Jaqueline Sérgio da. **Transtorno De Personalidade Antissocial: Retrato Segundo A Televisão.** 2011

DEL-BEN, Cristina Marta. **Neurobiologia do transtorno de personalidade anti-social.** Disponível em <<http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol32/n1/27.html>> . Acessado em 17 de outubro de 2012.

GAO, Yo et al. **The Neurobiology of Psychopathy: A Neurodevelopmental Perspective.** Canadá: The Canadian Journal of Psychiatry. 2009; v. 54, n. 12, p. 813-823.

HENRI, Rogerio Paes. **De H. Cleckley ao DSM-IV-TR: a evolução de psicopatia rumo à medicalização da ciência.** Rev. Latinoam. Psicopat. Fund. v. 12, n. 2, p. 285-302. São Paulo, 2009  
**homicidas no Rio de Janeiro.** Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbp/v22n3/v22n3a03.pdf>> Acessado em 22 de novembro de 2012.

JOZEF, Flavio et al. **Comportamento violento e disfunção cerebral: estudo de homicidas no Rio de Janeiro.** Rev. Bras. Psiquiatr., Set 2000, vol.22, no.3, p.124-129. ISSN 1516-4446

MORAES, Suellen; VIEIRA, Pedro; MORAES, Andressa; MENEGAZZI, Douglas; RICHETTI, Jeferson. **Jornalismo em revista: O caso da Superinteressante.** Disponível em: <<http://www.fag.edu.br/adverbio/artigos/artigo02%20-%20adv06.pdf>>. Acessado em 04 de agosto de 2012.

MORANA, Hilda; STONE, Michael; ABDALLA-FILHO, Elias. **Transtornos de Personalidade, Psicopatia e Serial Killers**. Revista Brasileira de Psiquiatria. 2006; v.28, p S74-S79.

NOVAES, Allan Macedo. **Jornalismo de controvérsia**: Uma análise do tratamento jornalístico dado pela revista *Superinteressante* às incertezas científicas. Disponível em <[http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1283](http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1283)> acessado em 10 de outubro de 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Classificação Internacional de Doenças – CID-10**. Disponível em <<http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/cid10.htm>> Acessado em agosto de 2012.

REVISTA SUPERINTERESSANTE. **Pequenos Psicopatas**. Edição 304, Editora: Abril, maio de 2012.

REVISTA SUPERINTERESSANTE. **Psicopatas no trabalho**. Edição 291, Editora: Abril, maio de 2011.

REVISTA SUPERINTERESSANTE. **Mentes Psicopatas**. Edição 267A, Editora: Abril, julho de 2009.

REVISTA SUPERINTERESSANTE. **Psicopata: cuidado tem um ao seu lado**. Edição 228, Editora: Abril, julho de 2006.

REVISTA SUPERINTERESSANTE. **Ele (quase) nasceu um psicopata**. Edição 286, Editora: Abril, dezembro de 2010.

SCALZO, Maria. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

SCHNEIDER, Kurt. **Personalidades Psicopáticas**. Psicopatologia Clínica. São Paulo: Mestre Jou, 1978; 3ed, cap. 2.

SERRA, Giane Moliari Amaral. **Saúde e nutrição na adolescência:** o discurso sobre dietas na revista Capricho. 2001. Disponível em: <

<http://portaldeseres.icict.fiocruz.br/pdf/FIOCRUZ/2001/serragmam/capa.pdf>>

Acesso 17 de novembro.

TAVARES, Hermano; FERRAZ, Renata Barboza. **Psiquiatria Clínica.** 2011

ZIMMER, Carl. **A Fantástica História do Cérebro.** Campus: 2004.